

Coleção Aventuras Grandiosas

Eleonor H. Porter

POLIANA MOÇA

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

2ª edição

 EDITORA
RIDEEL

Capítulo 1

ESPERANÇA PARA RUTH

Della Wetherby tocou a campainha da linda casa de sua irmã na avenida Commonwealth.

— Olá, Maria, como vai? — disse à criada que veio abrir a porta.

— Bem, obrigada. Se veio visitar d. Ruth, saiba que ela não quer receber ninguém.

Della ignorou o aviso e dirigiu-se à sala de estar, onde encontrou a irmã com o ar cansado e a aparência abatida. Para piorar o quadro, todas as janelas estavam fechadas, deixando o cômodo abafado e escuro.

— O que houve, Ruth? — perguntou.

— O de sempre, minha irmã, o de sempre...

— Querida, é preciso reagir. Você é uma mulher bonita e rica, com apenas trinta e três anos. Seu marido morreu cedo, é verdade, mas vocês viveram felizes enquanto ele era vivo.

— Você não entende, Della. Sinto falta de meu marido, mas já me conformei com sua morte. O que me deixa assim... você sabe.

— É Jimmy.

— Não paro de pensar nele, mesmo sabendo que já faz oito anos.

— Querida, a vida continua. Nós fizemos o que pudemos.

— Minha vida está **ESTAGNADA**. Só voltarei a viver no dia em que o encontrar.

Della ficou pensativa. Abraçou a irmã com carinho, depois disse com firmeza:

— Eu já sei do que você precisa. Tive uma grande ideia!

Ruth não manifestou animação.

— Como você pode saber do que eu preciso, Della? — perguntou.

— Uma boa dose de Poliana lhe fará bem!

— Lá vem você com sua mania de medicar. Enfermeiras não devem **PRESCREVER**, sabia? Você não é médica.

Della soltou uma alegre gargalhada.

— Poliana não é remédio, minha irmã. É uma garota. Deve estar com treze anos agora.

— Ah, bom. Por que não disse antes? Da mesma maneira que se toma **BELADONA**, pensei que Poliana também pudesse ser receitada.

✦ **ESTAGNADA:** parada

✦ **PRESCREVER:** receitar

✦ **BELADONA:** tipo de planta medicinal



— Poliana foi paciente no hospital onde trabalho aqui em Boston. E posso dizer que ela revolucionou tudo por lá.

— Como assim? Isso é muito confuso...

Della explicou que a menina sofrera um acidente, fora atropelada. Passou meses no hospital tentando recuperar-se. Tinha dores fortes no quadril e não conseguia andar. Apesar disso, nunca reclamava na hora dos tratamentos, por mais doloridos que fossem.

— Estranho para uma menina da sua idade. Ainda assim não entendo onde está querendo chegar, minha irmã — disse Ruth.

— Poliana me contou que era órfã de mãe. Foi criada pelo pai, um pastor pobre de uma cidadezinha do interior, com a ajuda das senhoras da paróquia. O pai, já falecido, ensinou-a o “jogo do contente”.

— “Jogo do contente”?

— No Natal, ela esperava os presentes que eram doados à igreja. Certa vez, ela pediu uma boneca mas ganhou um par de muletas. Criança que era, Poliana começou a chorar. Então o pai lhe disse que ela deveria ficar contente por não precisar usar muletas. A partir desse dia, ela passou a encontrar motivos para alegrar-se nas situações difíceis da vida. Quando mais complicado fosse encontrar felicidade, mais interessante ficava o jogo.

— Já sei, você quer mandar essa menina aqui para me dar uma lição, para “PREGAR” felicidade. Lá vem você com suas ideias.

Poliana não é assim como você imagina, Ruth. Ela conquistou a todos lá no hospital com seu jeitinho meigo e infantil, não com pregações.

Della então contou seus planos à irmã:

O doutor Ames, diretor do hospital, foi quem cuidou de Poliana enquanto ela esteve aqui em Boston. Ele é amigo do doutor Chilton, casado com a tia de Poliana. Ela vive com os tios na cidade de Beldingsville atualmente. Pois bem, o doutor Ames me disse que surgiu a oportunidade de o doutor Chilton ir estudar na Alemanha, mas sua esposa não quer deixar a menina na casa de amigos. Eles não têm mais nenhum parente.

Você está sugerindo que...

Estou sugerindo que você a convide para ficar aqui. Será só durante o próximo inverno.

Della, o que eu vou fazer com uma criança dentro de casa?

Ela é muito independente para sua idade. Não vai dar trabalho.

Seus tios não me conhecem. Se não querem deixá-la na casa de amigos, na certa não vão gostar de deixá-la sob os cuidados de uma estranha.

✦ PREGAR: fazer sermão, discurso





— Pedirei ao doutor Ames que lhes escreva. Ele irá interceder a nosso favor. Della, não...

— Agora tenho de ir. Logo mandarei notícias de Poliana — disse Della, deixando a irmã na sala, sem tempo de **ARGUMENTAR**.

Capítulo 2

PEDIDO DE AMIGO

Alguns dias depois, uma carta chegou à residência de Tomás e Paulina Chilton na pequena cidade de Beldingsville.

“Caro Tomás,

*Escrevo esta carta para lhe pedir um favor em nome de Della Wetherby, uma de minhas melhores enfermeiras. Conheço os Wetherby há muitos anos, são pessoas boas e honestas. Eram três irmãs, Doris, Ruth e Della. Doris casou-se com um rapaz **EXCÊNTRICO** chamado John Kent. Os pais foram contra o casamento, mas acabaram aceitando a união, principalmente depois da chegada de um neto, o pequeno Jimmy. Todos tinham verdadeira adoração pelo menino.*

*Acontece que, quando ele completou quatro anos, Doris faleceu e o pai sumiu no mundo com o filho, deixando os Wetherby desesperados. De tanto desgosto, os avós acabaram por falecer. Ruth já era viúva na época. Seu marido, o sr. Carew, deu-lhe também um filho, que viveu poucos meses, fazendo com que ela sentisse ainda mais o afastamento do sobrinho. Della e Ruth, então, empenharam todas as suas energias na busca por Jimmy. Rodaram o mundo e gastaram fortunas **EM VÃO**. Não encontraram pistas do menino.*

Hoje, oito anos depois, Della conseguiu se recuperar e se dedicar ao trabalho no hospital, embora pense no sobrinho constantemente. Já Ruth Carew, essa afundou-se em um mar de amargura. Della acredita que somente Poliana, com sua doçura e encanto, possa tirá-la dessa tristeza.

Por isso peço que deixe sua sobrinha passar o próximo inverno em Boston, na casa de Ruth Carew. Garanto que ela será bem-cuidada e que você e sua esposa poderão viajar para a Alemanha sem preocupações.

Desde já agradeço. Um grande abraço do amigo

Carlos Ames”

- + **ARGUMENTAR**: dar sua opinião
- + **EXCÊNTRICO**: extravagante, esquisito
- + **EM VÃO**: inutilmente

— O que me diz, meu amor? — perguntou o doutor Chilton à esposa, depois de ter lido a carta em voz alta.

— Estou completamente surpresa. Será que Poliana pode mesmo ajudar essa senhora? Ela é só uma menina.

— Bem, se não fosse Poliana, não teríamos nos casado. Ela foi milagrosa quando a convenceu a me receber em sua casa, lembra-se? Talvez estivéssemos separados até hoje, consumidos por um mal-entendido de nossa adolescência.

— Tem razão — disse Paulina Chilton, corando de leve. — Além do mais, confio no doutor Ames. Ele fez nossa menina andar novamente, depois daquele terrível acidente.

— Então está decidido. Poliana passará uma temporada em Boston, enquanto nós viajamos para a Europa. Será muito importante para a minha **CARREIRA**.

— No dia seguinte, pela manhã, Paulina foi acordar a sobrinha. Sentou-se em sua cama e beijou-lhe a testa com carinho.

— Bom-dia, titia. Gosto tanto quando a senhora vem ao meu quarto de manhã — disse a menina, despertando de um sono suave.

— Preciso lhe dizer uma coisa, querida. Você se lembra de Della Wetherby?

— A enfermeira do hospital de Boston? É claro que sim!

— Pois bem, você vai passar um tempo na casa da irmã dela, enquanto seu tio e eu viajamos para a Alemanha.

Poliana fez uma cara triste.

— Ah, titia, eu preferia ficar aqui em Beldingsville mesmo, afinal não faz muito tempo que voltei do hospital e vou sentir muita falta de todos aqui. Gosto tanto de Jaime, do senhor Pendleton, da sra. Snow...

— Lembre-se de que você não os conhecia antes de vir morar aqui.

Poliana pensou alguns segundos, depois abriu um sorriso contagiante.

— Já entendi, titia. Você está querendo dizer que em Boston existem muitos Jaimes, senhores Pendleton e senhoras Snow esperando para me conhecer. Antes, quando eu morava com papai e as senhoras da paróquia, pensava que era só deles que eu gostava. Aqui conheci outras pessoas encantadoras. Tenho certeza de que vou adorar Boston e a irmã da senhora Wetherby!

— Ah, Poliana, você é mesmo uma menina especial — disse Paulina Chilton, abraçando a sobrinha. — Mas lembre-se de que talvez a irmã de Della Wetherby seja diferente dela. Não vá pensando que são a mesma pessoa.

Poliana não deu muita bola para a observação da tia e saiu animada para dar a notícia a seu amigo Jaime Bean, um garoto de dez anos que fora adotado pelo senhor Pendleton a pedido de Poliana.

✦ **CARREIRA:** profissão





— Isso é muito chato. Você acabou de chegar. Não quero que volte para Boston — disse o menino, **EMBURRADO**.

— Jaime Bean, não é bonito fechar a cara desse jeito. Logo estarei de volta — repreendeu-o Poliana.

— Meu nome não é mais esse — respondeu ele, sem olhá-la nos olhos.

— O que você está dizendo? — perguntou ela, com grande entusiasmo.

— Agora sou Jaime Pendleton. Meus documentos ficaram prontos — disse, estendendo um pedaço de papel.

Poliana leu a certidão e quase gritou de felicidade.

— Ah, Jaime, fico tão feliz com isso. Agora sei que você tem uma família. O sr. Pendleton é seu pai de verdade!

O garoto continuava triste e acabou deixando uma lágrima cair dos olhos.

— Pense como vai ser bom quando eu voltar — disse Poliana. — Minhas pernas vão estar ainda melhores e poderemos correr por toda a cidade.

— Vou ficar feliz quando você puder andar e correr como antes — disse ele, cabisbaixo.

— É assim que se fala Jaime Bean! Ops, quero dizer, Jaime Pendleton.

Os dois caíram na risada e continuaram a fazer planos para quando Poliana voltasse de Boston.

Capítulo 3

UMA SEMANA DIFERENTE

Della e Ruth viram a menina **SARDENTA**, de cabelos escorridos, descendo do trem com uma maleta na mão.

— Sra. Wetherby, que bom vê-la — disse Poliana, abraçando a antiga enfermeira.

— Vejo que está muito bem, já caminha quase perfeitamente — disse Della.

— Olá, menina — cumprimentou Ruth.

— Esta é Ruth Carew, minha irmã. É na casa dela que você vai passar o próximo inverno. Ruth, esta é Poliana.

— Muito prazer, sra. Carew.

— Agora preciso ir. Tenho muitos pacientes me esperando no hospital — disse a enfermeira.

— Pensei que você fosse pelo menos almoçar conosco — falou Ruth, ansiosa.

✦ **EMBURRADO**: carrancudo, aborrecido

✦ **SARDENTA**: pessoa que tem sardas

— Não posso, mas depois faço uma visita — respondeu Della, beijando Poliana e afastando-se rapidamente, com a intenção de deixar as duas sozinhas.

Poliana também ficou decepcionada, pois tinha a esperança de conversar mais com Della. No entanto, olhou para Ruth e disse:

— Acho que posso ficar feliz por estar com a senhora. A sra. Wetherby é muito ocupada. Eu me lembro quando estava lá no hospital, todos queriam sua atenção.

Enfurecida com a irmã, Ruth não respondeu. Apenas ordenou que o motorista pegasse a maleta da menina e seguisse para casa. Quando Poliana viu a **LIMUSINE**, deu um grito de satisfação:

— Nós vamos neste carro? Que maravilha! Nunca andei em um carro assim!

Durante o trajeto, ela não parava de falar, de observar as belas casas, as pessoas nas ruas, as árvores da cidade, as lojas e as roupas elegantes nas vitrines.

— Como tem gente bonita aqui, sra. Carew! Gosto tanto de gente! Mal posso esperar para conhecer as pessoas!

— Gosta de gente, menina? — perguntou Ruth.

— Gosto muito! Gosto de todo mundo!

— Creio que não posso dizer o mesmo.

— Não gosta? Que pena! As pessoas são tão diferentes umas das outras... Isso é fascinante! Minha tia Paulina, por exemplo, me chamou a atenção dizendo que a senhora e sua irmã podem ser diferentes. Isso eu já percebi, a senhora é mais calada, mas é tão bonita quanto ela. Aliás, a senhora é muito bonita.

Ruth esperou que depois do elogio viesse o primeiro sermão sobre felicidade, mas, em vez disso, Poliana lhe contou sobre as senhoras da paróquia na época em que morava com o pai. Quando chegaram à avenida Commonwealth, Poliana soltou outro grito:

— Que rua maravilhosa! Tem tantas árvores e flores... e... a senhora não vai me dizer que sua casa é esta — disse a menina, vendo o carro estacionar em frente a uma verdadeira mansão.

Diante da afirmativa, Poliana saiu do carro pulando de alegria, dizendo que Boston era o lugar mais lindo que ela conhecia, que todas as pessoas deviam querer morar lá. Os empregados a cumprimentaram. Estavam animados com a chegada de uma criança. Ruth, no entanto, disse que iria se deitar, pois estava com dor de cabeça.

— Espere, sra. Carew, mostre-me a casa, estou tão curiosa para ver os quadros, os tapetes, a biblioteca. Isso tudo é lindo demais! A senhora deve ser muito feliz cercada de tantas coisas caras e chiques! — pediu Poliana.

Ruth suspirou, então Poliana pensou ter dito algo de errado.

— Não por serem caras, é claro, mas pela beleza e pelo bom gosto — corrigiu-se a menina.

✦ **LIMUSINE:** carro de passeio muito espaçoso



Ruth não teve outra alternativa senão mostrar todos os cômodos da casa para Poliana, que ia dando gritinhos de surpresa, elogiando cada novidade. Ao final de uma semana, Della recebeu uma carta:

“Querida Della,

Esta menina está me deixando louca. A casa está de pernas para o ar. Todos os dias ela me pede para tirar chapéus, roupas do armário e sapatos das caixas, pois nunca viu trajes tão bonitos. Para você ter uma ideia, outro dia, de tanto ela insistir, experimentei aquele vestido branco de cetim, há anos sem uso. E mais: tive de colocar as joias guardadas no cofre, enquanto ela batia palmas dizendo: “Que linda, sra. Carew, que linda!” Domingo fui à igreja depois de muito tempo. É verdade que contribuo todo mês para as obras sociais, mas frequentar o culto, isso é outra coisa. A garota apareceu toda arrumada de manhã perguntando a que horas iríamos à igreja. Não tive saída. Se seus tios não estivessem tão longe, tenho certeza de que a devolveria imediatamente. Mas ela que não me venha com sermões. Ao primeiro sinal disso, juro que a mando para qualquer lugar, mas ela não fica mais aqui. Ela que experimente me pregar felicidade.

Um beijo com amor,

Ruth”

Della sorriu ao fechar a carta. Pelo jeito, Poliana estava fazendo efeito.

Capítulo 4

RUTH E O JOGO DO CONTENTE

Certa manhã, Poliana desceu para o café e não encontrou Ruth.

— Onde está a sra. Carew, Maria? — perguntou à criada.

— Está deitada.

— Ainda não se levantou?

— Quando fui chamá-la, disse que prefere passar a manhã no quarto. Tem dias que ela fica assim, Poliana, não se incomode.

— Que pena, justo hoje. É sábado e está um dia lindo. Eu queria tanto conhecer a cidade. Desde que cheguei só saio para ir à escola.

— Por que não vai até o quarto dela e tenta convencê-la? — sugeriu Maria.

Não foi preciso falar duas vezes. Poliana subiu a escada correndo e bateu no quarto de Ruth.

— Posso entrar, sra. Carew? — perguntou ela, abrindo a porta de leve.

— Prefiro que me deixe sozinha — disse a dona da casa, deitada no quarto escuro.



— Está doente?

— De certa forma, sim.

— Mas a senhora parecia tão bem ontem à noite. Pensei em convidá-la para passear.

— Não estou com vontade de sair de casa, menina.

— Uma das senhoras da paróquia onde meu pai era pastor também não gostava de sair de casa. Ela dizia que não tinha motivos para sair. Daí eu ensinei o jogo a ela e...

— Já conheço esse jogo, Della me falou sobre ele — interrompeu Ruth. — É melhor nem me contar mais porque não quero saber.

— Desculpe-me, não quis dizer isso, sra. Carew. É claro que esse jogo não serve para a senhora. Acho que não poderá jogá-lo nunca.

— Como assim? O fato de eu não querer jogar não significa que não posso jogar.

— Não pode mesmo, sra. Carew. No jogo, é preciso encontrar coisas que nos façam contentes, por mais difícil que isso seja. A senhora tem tudo para deixar uma pessoa contente. Nesse caso, o jogo fica impossível.

Ruth Carew parou um instante, depois respondeu, irritada.

— Não tenho nada na vida que me deixe feliz, Poliana.

— Por que não, sra. Carew? — perguntou a menina, **ATÔNITA**.

— Porque não tenho nada do que quero.

— Mas a senhora tem uma casa tão linda.

— Do que me serve uma casa, um lugar para dormir e comer, se não tenho prazer em dormir nem em comer?

— E todos esses objetos maravilhosos, as joias, os vestidos?

— Cansei-me de tudo isso.

— E seu carro, sra. Carew? Ele pode levá-la para tantos lugares, para conhecer pessoas, fazer visitas.

— Não quero ir a lugar nenhum, muito menos conhecer ou visitar pessoas.

— Eu... eu não entendo — disse Poliana, pensativa. — Não vejo coisas ruins aqui. E só se pode jogar o jogo onde existem coisas ruins.

Ruth Carew então lhe contou tudo sobre o sobrinho desaparecido. Ao final da história, Poliana estava chorando.

— A senhora nun... nunca mais o viu? — perguntou a menina, com a voz trêmula.

— Nunca mais. Faz oito anos que ele sumiu. Tinha quatro na época. Poliana suspirou, enxugou uma lágrima dos olhos, depois disse, confiante:

— Mas nós vamos encontrá-lo, sra. Carew. Estou certa disso!

— Della e eu procuramos por toda parte, até em países estrangeiros.

— Ele deve estar em algum lugar.

✦ **ATÔNITA:** espantada, estupefata





— Tenho muito medo de que ele esteja morto — disse Ruth, caindo no choro.
— Morto? A senhora tem certeza?
— Não, isso não posso ter.
— Então pense no seguinte, sra. Carew: se a senhora consegue imaginá-lo morto, pode também imaginá-lo vivo. Agora vejo que a senhora pode sim jogar o jogo. É só ficar contente porque cada dia que passa fica mais perto de a senhora reencontrar Jimmy.

— Você não entende, menina, não é tão simples assim. Vá fazer o que quiser. Vou dormir um pouco. Minha cabeça está doendo.

Poliana saiu do quarto **ANGUSTIADA**, pensando em como poderia ajudar sua **ANFITRIÃ**.

Capítulo 5

O PARQUE MUNICIPAL

A sra. Carew havia dito: “Vá fazer o que quiser”. Poliana pensou, então, que não haveria mal nenhum em dar uma volta pelo bairro. Abriu a porta da casa e olhou para a rua. O movimento das pessoas e o belo dia ensolarado a animaram. “Eu bem que podia encontrar o sobrinho da sra. Carew”, desejou. Saiu caminhando pela avenida Commonwealth, encantada com tudo ao seu redor. As árvores balançavam com o vento fresco, famílias passeavam de mãos dadas, até um cãozinho caminhava **FACEIRO** junto de seu dono.

Algumas quadras abaixo, Poliana viu um enorme portão de ferro. As pessoas passavam por ele, entravam e saíam daquele local sem pedir permissão a ninguém. “Será alguma festa particular?”, pensou. Aproximou-se do portão e viu uma placa escrita: Parque Municipal de Boston. Ela quase gritou de alegria. O lugar era maravilhoso e, melhor, era **PÚBLICO**. Havia um lago enorme que dava para ver da entrada, pássaros, trilhas entre as árvores e bancos de jardim. Poliana foi entrando devagar, como se tivesse medo de que alguém a impedisse de visitar o parque. Quando viu que realmente não havia problemas em estar ali, saiu caminhando com energia, observando cada detalhe do jardim, das flores e dos animais.

- + **ANGUSTIADA**: aflita, agoniada
- + **ANFITRIÃ**: dona da casa
- + **FACEIRO**: alegre, contente
- + **PÚBLICO**: que pertence ao povo

Uma coisa a deixou **INTRIGADA**, no entanto. Todas as pessoas que ela cumprimentava olhavam esquisito e não respondiam, como se estivessem pensando que ela fosse louca ou coisa parecida. Ela tentou brincar com uma linda menininha, mas o pai puxou a filha com força e disse: “Não fale com estranhos, querida”. Poliana ia dizer que não era estranha, que era hóspede da sra. Carew, mas o homem já ia longe. Em Beldingsville, quando saía à rua, todas as pessoas falavam com ela.

Chateada, Poliana sentou-se em um banco de frente para o lago. De lá, observou um menino quase da sua idade alimentando os pombos que voavam ao seu redor. Ele estava sentado em uma cadeira de rodas e os bichinhos iam todos para perto dele, até esquilos e gansos. Teve vontade de ir conversar, pois sabia bem o que era ficar sem andar, mas lembrou-se do incidente com a menininha e seu pai minutos antes e desistiu. Uma bela moça sentou-se ao seu lado no banco do jardim. Poliana se animou, talvez ela quisesse companhia.

— Olá — disse a menina.

A moça cumprimentou-a balançando a cabeça.

— O dia está muito bonito, não é? — insistiu Poliana.

— Sim.

— Sabe, eu estive procurando pela senhora a manhã toda.

— O que está dizendo, garota? Eu nunca a vi antes. Não a conheço.

— Na verdade não era bem a senhora que eu procurava. Eu só queria encontrar alguém como a senhora, entende? Quero dizer, solitária como a senhora, pois eu também estou solitária e todos aqui estão acompanhados.

— Entendo — disse a moça, mais calma. — Mas é uma pena que tenha percebido isso tão cedo, minha cara.

— Isso o quê?

— Que o lugar mais solitário do mundo fica justamente no meio das multidões.

Poliana franziu a testa, depois concordou:

— É verdade, hoje me senti muito sozinha, e havia tanta gente por aqui... Mas que bom que eu a encontrei! O que é que a senhora faz?

— Vou lhe dizer o que eu faço. Todos os dias, vendo roupas em uma loja para mulheres alegres e sorridentes. Depois me recolho a um quatinho escuro e frio, onde mal há espaço para me movimentar. Hoje me cansei de ficar naquele buraco e resolvi sair para dar uma volta. Preciso me distrair um pouco.

— Que bom que disse isso. Meu pai me explicou que na Bíblia há oitocentas passagens dizendo que é preciso ser feliz. Sabe, meu pai era pastor, por isso eu conheço a Bíblia. Você também deve conhecer, não é?

✦ **INTRIGADA:** curiosa, desconfiada





— Meu pai também era pastor.
 — Não me diga? E ele também mora no céu?
 — Não, ele ainda mora aqui na Terra, em outra cidade, com minha mãe, mas não tenho tempo nem dinheiro para ir visitá-los.
 — Pelo menos você tem seus pais vivos e isso deve ser uma alegria! Ah, como seria bom se meu pai e minha mãe estivessem aqui comigo. Não que eu não goste da tia Paulina e do tio Tomás, mas é que tenho saudades.

A moça olhou para ela sem saber quem eram aquelas pessoas, então Poliana contou toda sua história, seu tempo de infância com as senhoras da paróquia, seus tios em Beldingsville, o tempo que passou no hospital em Boston e acabou lhe contando sobre o jogo do contente. Ao final da narração, a moça se levantou e disse que precisava ir. Antes, afagou os cabelos de Poliana e falou:

— Gostei de você, menina. Gostei do jogo do contente. Obrigada.

Poliana resolveu voltar para casa. Acontece que ela acabou saindo do parque por um portão diferente daquele que entrou. Andou algumas quadras até perceber que não reconhecia nenhuma daquelas ruas. Perguntou a várias pessoas se elas sabiam onde ficava a casa da sra. Carew, mas ninguém havia ouvido falar naquela senhora. Ela ainda caminhou mais um pouco, tentando jogar o jogo do contente.

— Até que é bom se perder, pois deve ser uma alegria muito grande achar o caminho de volta — disse a si mesma, com força.

Mas nada disso adiantou e a tarde começou a cair. Sem saber o que fazer, sentou-se na calçada e começou a chorar. Foi quando escutou uma voz de menino:

— Ei, você! Perdeu seu cachorrinho?

— Ah, que bom encontrá-lo! Será que pode me ajudar? — perguntou Poliana, enxugando as lágrimas e olhando para um pequeno vendedor de jornais. — Preciso ir para casa.

— Ah, então é você que está perdida?

— Você conhece a sra. Carew?

— Não, não conheço nenhuma sra. Carew.

Então Poliana descreveu a rua onde ela morava e o menino disse que só podia ser a avenida Commonwealth, por causa das casas bonitas e das árvores.

— Se esperar eu vender meus jornais, posso levá-la até lá — disse ele.

No final da tarde, Poliana bateu na porta da casa onde estava hospedada, conduzida pelo pequeno jornaleiro. Mary abraçou muito a menina e chamou a patroa.

— Onde se meteu, garota? — perguntou Ruth.

— Fui ao parque e me perdi. Este bom menino me trouxe até aqui.

— O quê, voltou para casa com este rapazote sujo e desajeitado?

— Ele é um ótimo garoto, sra. Carew, ajudou-me a encontrar o caminho e...

Quando olhou para trás, viu o vendedor de jornais descendo a rua. Ela quis sair correndo para perguntar seu nome, mas Ruth a puxou para dentro e passou-lhe um

enorme sermão sobre os perigos da cidade grande e de conversas com desconhecidos. Ficou decidido que Poliana só poderia sair acompanhada de Mary ou da sra. Carew.

Capítulo 6

UM NOVO AMIGO

As semanas foram seguindo sem grandes novidades. Poliana ia para a escola, fazia suas lições e tentava puxar conversa com Ruth, falar-lhe sobre sua vida em Beldingsville, sua infância com o pai e as senhoras da paróquia. Mas Ruth não parecia interessada. Quando Poliana começava a tagarelar, ela logo cortava o assunto:

— Deixe-me sozinha, menina. Quero descansar.

Certo dia, Poliana respondeu diferente a essa ordem:

— Eu queria tanto ir ao Parque Municipal de novo. Mary está sempre ocupada e a senhora nunca quer sair de casa. Vamos, sra. Carew, vamos, por favor — disse.

Ruth teve pena da menina, pois o mês estava bastante quente para o inverno e os dias muito ensolarados. Permitiu que Poliana saísse sozinha, mas somente depois de fazê-la repetir o caminho de volta e de prometer que nãoalaria com estranhos.

Em pouco tempo, Poliana estava sentada novamente no banco de jardim em frente ao lago, **RADIANTE** por ter sido autorizada a fazer aquele passeio. Os raios da manhã batiam no lago e iluminavam tudo ao redor, dando uma agradável sensação de **ACONCHEGO**. Foi do lugar onde estava que ela observou o menino da cadeira de rodas que ela vira no outro dia chegar ao jardim. Um outro garoto bastante familiar empurrava a cadeira. Sim, era ele, o vendedor de jornais! Ele não era estranho, já se conheciam, por isso Poliana levantou-se e foi falar com ele.

— Olá, como vai? — perguntou.

— Ah, é você? Não me diga que se perdeu de novo!

— Não, agora não me perco mais.

— Está vendo? Esta aqui é uma boa companheira. Vou apresentá-los — disse, cheio de **POMPAS**. — Este aqui é meu amigo Sir James, Lorde da alameda Murphy. Poliana não entendeu, mas o menino da cadeira de rodas logo avisou:

— Jerry, pare com isso. Ela vai pensar que sou lorde de verdade.

✦ **RADIANTE**: cheia de alegria

✦ **ACONCHEGO**: conforto

✦ **POMPAS**: luxo, elegância





— Sou Poliana Whittier. Fiquei perdida outro dia e ele me ajudou — disse a menina, apontando para o pequeno jornaleiro.

— Jerry é assim, gosta de ajudar. Ele me traz aqui todos os dias.

— Bom, agora preciso ir. Até mais tarde, Sir James — disse Jerry, afastando-se.

— Você não pode andar, sir James? — perguntou ela.

— Não me chame de Sir, por favor. Isso é invenção de Jerry. Não sou lorde.

— Pensei que fosse como Lorde Fantleroy, daquele livro, sabe?

— Sim, “O Pequeno Lorde”! Você também deve conhecer Sir Lancelot, Ivanhoé, O Rei Arthur e a Távola Redonda, Lady Rowena...

— Conheço, quer dizer, não todos...

— Pois então, dei nome a todos os bichinhos desse jardim. Aquele esquilo, por exemplo, é Sir Lancelot. Ele é o mais guloso! Lady Rowena come menos, apontando para um pardalzinho fêmea logo adiante.

Os dois passaram horas entretidos. Poliana esqueceu-se por um momento das senhoras da paróquia e até do jogo do contente. Mergulhou no mundo da imaginação e dos heróis da literatura que o garoto propunha. Mais tarde, o menino disse:

— Que bom que trouxe bastante comida para os esquilos e pássaros. Hoje não consegui nada. Jerry e eu nem pudemos tomar café, pois não sobrou um centavo da venda dos jornais e...

Poliana parou de alimentar os animais e interrompeu:

— Você está me dizendo que não comeu nada hoje?

— Isso mesmo. Mas tudo bem, estou acostumado. Mamãe não conseguiu nada nas casas onde faz faxina e Jerry vendeu pouco ontem.

Poliana ficou admirada. Nunca tinha ouvido falar em alguém que não tivesse o que comer.

— Jerry é seu único irmão? — perguntou.

— Sim, quer dizer, não é meu irmão de verdade. Nem mamãe é minha mãe. Eu não conheci minha mãe. Meu pai morreu quando eu tinha seis anos. Nós morávamos no mesmo prédio dos Murphy, que me recolheram e me tratam como filho até hoje.

— E qual é o problema nas suas pernas?

— Desde pequeno tenho dificuldades para andar. Agora os médicos dizem que não tem mais jeito, vou ficar na cadeira de rodas para sempre.

— Disseram isso quando fui atropelada, mas o doutor Ames me curou, veja — disse ela, levantando-se.

— No meu caso, não há esperança, e eu já me conformei. Agora dedico-me ao meu “Livro da Alegria”, assim não fico triste por precisar depender das pessoas.

— “Livro da Alegria”?

O menino explicou que, certo dia, estava se sentindo tão infeliz por não poder caminhar, vender jornais com Jerry, nem ajudar a sra. Murphy em casa, que decidiu fazer algo para compensar essa tristeza. Começou a anotar em um caderno

todas as coisas que lhe faziam feliz, como por exemplo um belo livro que Jerry encontrou no metrô e trouxe para casa, um vaso de flores que ele ganhou de uma vizinha e outras coisas que ele “caçava” todo dia para lhe trazer alegria. A cadeira de rodas havia sido presente de um cliente que comprava jornais de Jerry. Ela enchera páginas do “Livro da Alegria”.

— Isso é maravilhoso! Você está jogando o jogo sem saber! E muito melhor do que eu, pois não sei se conseguiria ficar contente se estivesse inválida — disse ela.

Poliana lhe contou sobre o jogo do contente, que achou uma grande coincidência. Empolgada, ela quis saber:

— Qual o seu verdadeiro nome, se não é Sir James?

— Jerry me chama assim, mas mamãe me chama de Jimmy, apelido de Jaime.

— Tenho um amigo chamado Jaime Pendleton. Qual é seu sobrenome?

— Não sei. Nem mamãe sabe. Dizem que meu pai era um homem esquisito. Não costumava falar com ninguém e não deixou nenhum documento. Todos só o chamavam de “o professor”.

Os olhinhos de Poliana brilharam.

— Será que seu sobrenome não poderia ser Kent?

— Kent? Não sei. Por quê?

— Por nada. Agora preciso ir para casa — disse ela, ansiosa para contar à sra. Carew que talvez Jimmy fosse seu sobrinho desaparecido. — Encontro você aqui amanhã, certo? Trarei muita comida para esses bichinhos comilões.

Capítulo 7

UMA NOVA RUTH

O plano era levar a sra. Carew até o parque no dia seguinte, mas o tempo amanheceu chuvoso. Poliana ficou louca de impaciência. O pior é que continuou chovendo durante a semana e não foi possível sair de casa. Foi então que, no quinto dia, Jerry tocou a campainha da casa da avenida Commonwealth dizendo que seu irmão queria ver Poliana. Sua perna tinha piorado e ele não conseguia se levantar. Ele estava lá para levar a menina até o irmão. Poliana se arrumou prontamente, mas Ruth disse que sua hóspede não estava autorizada a sair com aquele vendedor de jornais.

— O que seus tios diriam se soubessem disso? Não posso ser eu a responsável por um absurdo desses.

Poliana então pediu que ela fosse junto, mas Ruth se negou a sair de casa.

— Eu não queria dizer nada até a senhora vê-lo, sra. Carew, mas se é assim, serei obrigada a falar — disse Poliana, contando tudo sobre suas suspeitas de que o irmão do jornalista fosse seu Jimmy desaparecido.





Em menos de dez minutos estavam todos no carro em direção à casa dos Murphy. No caminho, Poliana explicou sobre suas suspeitas a Jerry, que ia na frente, tomando ar fresco no rosto. Um tempo depois, o motorista estacionou o veículo na frente de um prédio muito velho.

— É aqui, chegamos! — disse Jerry.

A calçada estava suja, as paredes pixadas, as escadas que levavam para o apartamento dos Murphy rangiam e ameaçavam quebrar. Poliana estava chocada com tamanha pobreza. Jerry entrou no apartamento escuro e frio anunciando a chegada das duas visitas. A sra. Murphy as cumprimentou educadamente e as conduziu à cama de Jimmy, que se sentia muito abatido naquele dia.

— Que bom que veio! — exclamou ao ver Poliana. — Senti falta em conversar com você! Pedi a Jerry que fosse buscá-la, só não esperava que viesse tão depressa.

Poliana apresentou Ruth a ele. Ela examinou o menino com atenção, mas não reconheceu nenhum de seus traços. No entanto, ela não podia afirmar que ele não era seu Jimmy. Fazia tanto tempo desde que o vira pela última vez... Como nem Jimmy nem a sra. Murphy estavam compreendendo o motivo da visita da sra. Carew, Poliana tratou de explicar a situação. A sra. Murphy confirmou que criara o menino depois da morte do pai e que nunca soubera o verdadeiro nome daquele que era conhecido como “o professor”.

— Você tem alguma coisa que ele deixou para você? — perguntou Ruth a Jimmy.

— Somente alguns livros — respondeu o menino, apontando para uma estante.

Ruth examinou os livros de história de onde Jimmy tirava os nomes para os animais do parque municipal, mas não encontrou nenhuma pista, nenhum sobrenome ou data. Poliana e Ruth deixaram o apartamento dos Murphy cabisbaixas. A esperança havia se transformado em angústia.

Durante as semanas que se seguiram, Ruth ficou ainda mais triste. Não tinha ânimo para nada. A pedido de Poliana, ela ofereceu algum dinheiro para a família adotiva de Jimmy, mas a sra. Murphy recusou, dizendo que não precisavam de esmolas. Della também foi à casa dos Murphy, mas também não conseguiu identificar Jimmy como seu sobrinho desaparecido. Ao menos levou o garoto ao hospital do doutor Ames para uma consulta. Poliana ficou muito esperançosa de que o amigo voltasse a andar, mas o caso dele era bastante complicado e não havia muita esperança.

O Natal estava próximo, então Poliana teve uma grande ideia, que recebeu o apoio de Della. Sugeriu a Ruth que ela adotasse Jimmy legalmente. Ele bem poderia ser seu sobrinho, e, se não fosse, ela iria se dedicar, cuidar dele. Ambos ganhariam com isso.

— Pense, sra. Carew, pelo menos a senhora pode ficar contente por ter alguém sempre ao seu lado, mesmo que ele não seja seu sobrinho. Jimmy ficaria tão feliz!

— Não sei, Poliana, isso é muito sério. Eu mal conheço o garoto.

— Nesse caso, convide os Murphy para nossa ceia de Natal! Vamos conhecê-los melhor!

— Não estou com espírito natalino este ano.

— Quer dizer que não vamos ter ceia de Natal? — perguntou a menina.

— Ainda não sei. Vou pensar — disse Ruth, de modo **BRUSCO**.

Como Poliana andava muito tristonha com a possibilidade de não comemorar o Natal, Ruth resolveu levá-la para fazer umas compras. “Talvez assim ela esqueça dessa história de Natal”, pensou Ruth. Assim que chagaram à loja de roupas, Poliana soltou a mão de Ruth e foi direto conversar com uma vendedora.

— Olá, lembra-se de mim? — perguntou.

— Ah, é você, a menina do jogo do contente!

— Veja, sra. Carew, conheci essa moça no parque municipal naquele dia em que me perdi. Foi ela que me ensinou que o lugar mais solitário do mundo fica exatamente no meio das multidões.

— Olá, sou Sadie Dean — disse a moça, estendendo a mão à sra. Carew.

— Olá — respondeu Ruth, sem retribuir o gesto.

— Deve ser tão bom trabalhar em uma loja de roupas! — exclamou Poliana.

— Eu adoraria falar com pessoas o dia inteiro, ajudá-las a comprar coisas novas... Meu sonho sempre foi ser médica, mas agora preciso pensar. Talvez eu queira ser vendedora!

— Só é bom atender a clientes educadas, que não têm **AVERSÃO** às mãos de uma pessoa só porque ela é vendedora — disse Sadie, com raiva.

Ruth sentiu-se atingida. Puxou Poliana pelo braço e anunciou:

— Vamos embora. Aqui não é lugar onde se possa fazer compras.

Poliana não entendeu nada. Mal conseguiu se despedir de Sadie e já estavam no carro, indo de volta para casa. Os dias que se seguiram foram ainda mais estranhos. Ruth mal saía do quarto e o Natal passou mesmo em branco, sem nem um jantar especial. Ao menos a menina pôde montar uma linda árvore com a ajuda de Maria e dos outros criados. Foi Maria que chamou a atenção da patroa para o fato de que a menina estava mais triste do que de costume.

— Ela nunca foi assim — disse a criada. — Está sempre alegre, contagia a todos com sua felicidade aonde quer que vá. Agora passa os dias abatida.

— E o que eu posso fazer, Maria?

— E se a senhora a deixasse convidar os amigos para uma ceia de Ano-Novo?

✦ **BRUSCO**: ríspido, áspero

✦ **AVERSÃO**: repulsa, ódio





Ruth pensou um pouco e acabou permitindo que Poliana convidasse os Murphy e até Sadie Dean para jantar na mansão da avenida Commonwealth. “Será uma noite muito aborrecida, mas o que se há de fazer?”, pensou.

Para sua surpresa, no entanto, a ceia de Ano-Novo foi muito agradável. Sadie Dean desculpou-se por ter sido rude assim que entrou. Ruth ficou envergonhada e pediu desculpas também. As duas acabaram se dando bem. Durante o jantar, conversaram sobre a vida dura das mulheres que, além de cuidar da casa e da família, ainda precisavam trabalhar. A sra. Murphy sabia muito bem o que era isso, por isso participou da conversa ativamente. Ruth estava entrando em contato com uma realidade muito diferente da sua.

Poliana fez questão de mostrar aos amigos a árvore de Natal ainda montada. Jerry não parava de elogiar cada pedacinho da mansão e Jimmy ficou emocionado com o tamanho da biblioteca da sra. Carew. Ruth não o perdeu de vista durante todo o tempo. Reparou que ele tinha gosto pela literatura e pela música. É certo que não sabia tocar piano, mas que intimidade demonstrou ter com o instrumento ao sentar-se diante dele e procurar as notas com os dedos. Talvez tivesse tido algum contato com piano quando pequeno. Sua irmã Doris tocava para o filho antes de morrer.

A animação foi tanta que Ruth convidou a todos para retornar quando quisessem. Poliana batia palmas de alegria. Durante as semanas seguintes, Jimmy passou a frequentar a casa e Ruth tentou em vão descobrir alguma coisa sobre seu passado. Apesar disso, os dois se deram muito bem. Jimmy começou a ter aulas de piano com a sra. Carew e também a levar alguns livros emprestados.

Sadie Dean fazia visitas nos finais de semana. Ela teve uma grande ideia: a de fundar uma casa onde mulheres trabalhadoras pudessem receber apoio, desde treinamento profissional até auxílio para encontrar pessoas de confiança para cuidar dos filhos enquanto elas estivessem no trabalho. Ruth lhe deu total apoio, estava disposta até a financiar o projeto, que elas chamariam de Casa das Trabalhadoras.

Certo dia, Ruth se deu conta de que o dia da partida de Poliana estava próximo. Um calafrio percorreu sua espinha quando se lembrou de sua vida antes da chegada da menina. Passou o dia inquieta, estava certa de que não queria mais viver em quartos escuros e salas fechadas. A agitação que Poliana trouxera, isso sim ela desejava ter cada vez mais. Quando Jimmy chegou para a aula de piano, ela pediu a Poliana que queria ficar sozinha com ele. Respirou fundo para tomar coragem de dizer ao garoto o que não saía de sua cabeça:

— Jimmy, não sei se você é meu sobrinho ou não. Reconheço que nem sempre fui simpática com você e sua família. Mas sinto que estamos ficando muito próximos um do outro e... eu... quero te fazer uma proposta.

Ele ouviu tudo com atenção e os dois conversaram durante muito tempo. Não se sabe exatamente o que foi dito, mas quando a porta da biblioteca se abriu, Poliana recebeu a notícia de que Jimmy aceitara ser adotado pela sra. Carew.

De volta a Beldingsville, todos queriam saber de Poliana notícias de sua viagem a Boston. Ela contava histórias sobre o parque municipal, sobre Ruth Carew, Della Wetherby e o sobrinho desaparecido delas, sobre Sadie Dean, Jerry, a sra. Murphy e, principalmente, sobre Jimmy. Dizia também que Boston era maravilhosa, mas havia gente muito pobre e sofrida lá. A única pessoa que não gostou de saber que Poliana tinha um novo grande amigo foi Jaime Pendleton.

— Você não sabe falar de outra coisa se não desse tal Jimmy? — perguntou, irritado. — Aliás, Jimmy é um nome ridículo!

— Quem disse isso? — disse Poliana.

— Meu pai, antes de morrer.

— Você nunca me falou de seu pai.

— Uma vez eu estava junto com ele procurando emprego em uma fazenda. Daí a mulher do fazendeiro me chamou de Jimmy e meu pai começou a gritar. Disse que era um nome ridículo e que não admitiria chamarem seu filho assim.

— E a mulher, o que disse?

— Não teve tempo de dizer nada. Fomos embora, procurar emprego em outra fazenda. Logo depois, meu pai morreu e me levaram para o orfanato.

— De onde você fugiu e foi parar naquela estrada perto da casa da sra. Snow. Daí em diante, conheço bem a sua história.

— Então é isso, Jimmy é um nome horrroso e não me venha mais falar nesse garoto! — disse Jaime, afastando-se.

Poliana foi para casa pensando que podia ficar contente por Jaime Pendleton não ser sempre assim. Naquela mesma semana, Paulina Chilton recebeu uma carta de Della Wetherby detalhando os “milagres” que Poliana havia feito com sua irmã e agradecendo a temporada que a menina passara em Boston.

— Isso me preocupa — disse Paulina ao marido. — Não quero que Poliana seja visto como milagrosa ou, pior, como um vidrinho de remédio.

— Que mal há nisso? Todos gostam de Poliana.

— Gostam porque sabem que ela age inocentemente, sem intenção. Ela está crescendo, Tomás, e não acredito que as pessoas vão gostar de ouvir sermões sobre o jogo do contente de uma jovem. Poliana vai descobrir a força que tem e essa força pode ser usada contra ela.

— Querida, mas veja quanta coisa boa Poliana já fez. A sra. Snow vivia sem sair de casa, o sr. Pendleton adotou Jaime Bean e agora essa sra. Carew melhorou da depressão. Sem contar todos os outros...





— Poliana ensinou o jogo do contente a eles e atribui ao jogo a cura dessas pessoas, não a ela.

— E o que podemos fazer?

— Vamos voltar para a Alemanha e levá-la conosco. Afastá-la de Beldingsville por um bom tempo é uma forma de evitar que ela cresça e vire uma moça **PEDANTE**, cheia de orgulho por ajudar as pessoas.

— Não acredito que Poliana venha a ficar assim, mas, de qualquer maneira, a educação na Europa lhe fará bem e essa viagem será muito boa para meu trabalho

— disse o doutor Tomás Chilton.

E assim ficou determinada a viagem à Alemanha.

Capítulo 8

A VOLTA

Sete anos se passaram até que Poliana e sua tia Paulina retornassem a Beldingsville. O doutor Chilton tinha morrido de repente. Homem de pouca riqueza, não deixara quase nada para a viúva e a sobrinha. Para piorar, Paulina perdera uma grande quantia em dinheiro, pois havia feito aplicações em empresas que **FALIRAM**. Poliana estava com vinte anos e o coração cheio de esperança de que a chegada a Beldingsville devolvesse à sua tia a alegria de viver.

Mas, de volta à casa que pertenceu à sua família, os Harrington, Paulina ficara ainda mais entristecida. Sentia saudades do marido e também das **REGALIAS** a que estava acostumada. Poliana e ela não podiam mais pagar o salário de uma criada, mas Nancy se ofereceu para auxiliá-las no que fosse necessário. Ela estava casada com o motorista Timóteo e os dois tinham outros empregos, mas, em nome dos anos que passaram junto de Paulina e sua sobrinha, estavam dispostos a ajudar. Nancy arrumou toda a casa antes de elas chegarem e Timóteo foi buscá-las com seu próprio carro na estação. Nada disso animou Paulina. Ao contrário, foi até grosseira dizendo que nenhum dos dois deveria ter se incomodado.

— Não posso pagá-los, então é melhor que vão embora — disse com amargura.

- + **PEDANTE**: vaidosa, exibida
- + **FALIRAM**: fracassaram, fecharam as portas
- + **REGALIAS**: mordomias, privilégios

Poliana passou a fazer o serviço da casa, enquanto Paulina se fechava no quarto para chorar e se lamentar. Os moradores da cidade souberam que Paulina andava muito agressiva desde que voltara, por isso receavam fazer uma visita. Mas muitos deles não resistiram e foram até o solar dos Harrington para ver Poliana. O sr. Pendleton foi um dos primeiros. Ela quase chorou de emoção ao ver seu velho amigo. Conversaram longamente sobre a temporada na Europa, mas Paulina não quis sair do quarto. Na saída, o sr. Pendleton disse a Poliana:

— Tem uma pessoa que deseja muito vê-la.

— Quem?

— Meu filho Jaime.

— Ah, sr. Pendleton, eu também quero tanto encontrá-lo! Perdemos o contato desde que fui para a Alemanha e ele, mais tarde, foi estudar em Boston para ser engenheiro. Peça que ele venha me visitar, por favor. Não posso sair muito, pois me preocupo com minha tia.

No dia seguinte cedo, Jaime Pendleton estava lá. Passaram a manhã toda conversando no jardim, animados, matando a saudade das coisas que faziam na infância. Ele transformara-se em um lindo moço, de cabelos escuros e físico forte. Certa hora, Poliana confessou que estava preocupada.

— O pouco dinheiro que temos está acabando e minha tia não parece reagir. Eu quero muito ajudá-la, afinal tia Paulina cuidou de mim depois que papai morreu. Gosto muito dela. Só não sei o que devo fazer. Preciso descobrir algum talento dentro de mim, algo que eu possa fazer para ganhar dinheiro — disse a Jaime.

— Talento, Poliana? Você tem tantos...

— A única coisa que sei fazer é cuidar de uma casa. Sei cozinhar, arrumar, limpar... Será que alguém me contrataria aqui na cidade?

— Você também poderia... é... bem... você poderia se casar — sugeriu Jaime, corando de leve.

— Casar? Ah, Jaime, eu tenho espelho em casa. Sei que ninguém se casaria com uma menina feia como eu. Acho que minhas sardas ficaram ainda mais fortes depois que cresci — disse, sorrindo.

— E você já se olhou no espelho enquanto fala?

— Que ideal! É claro que não.

— Então trate de se olhar.

— Acho que se eu fizesse isso, diria: “Poliana, pelo menos você pode ficar contente por ter um rosto, apesar de ele não ser bonito”.

— Quer dizer que você ainda joga o jogo do contente?

— É claro que sim. Como acha que estou conseguindo enfrentar tudo isso?

— É que não tenho ouvido as pessoas comentarem sobre você e o jogo.

— Eu sei. Hoje em dia receio dizer aos outros mais do que devo.





— Poliana, você tem noção do quanto ajudou as pessoas daqui ensinando-as o jogo do contente?

— Posso imaginar, pois avalio o jogo pelos benefícios que eu mesma tirei dele.

— Se todos os que sofressem o adotassem, ele revolucionaria o mundo.

— O problema é que todo mundo escuta uma criança, mas muitos ficariam irritados se uma moça de vinte anos dissesse a eles que é preciso encontrar motivos para ser feliz.

Na tarde daquele dia, Poliana recebeu uma carta de Della Wetherby:

Querida Poliana,

Há quanto tempo não nos vemos! Soube que você retornou da Alemanha e que seu tio Tomás já não vive mais. Sinto imensamente por isso. Conheci o doutor Chilton e sei que era uma pessoa extraordinária. Repasse à sua tia os meus sentimentos.

Aqui em Boston vamos todos bem. Jimmy tornou-se um ótimo pianista e já não precisa mais da cadeira de rodas. Ele passou um tempo fazendo fisioterapia no hospital, mas infelizmente não recuperou todos os movimentos das pernas. Hoje ele se locomove com muletas.

Seu irmão Jerry continua trabalhando com jornais, mas hoje, em vez de vendê-los, escreve as notícias. Tomou-se repórter. Sua mãe, a sra. Murphy, está muito melhor. Já não precisa mais trabalhar tanto e mudou-se para uma casa mais confortável.

Sadie Dean e minha irmã trabalham dia e noite nas atividades da Casa das Trabalhadoras. É uma beleza de instituição, que realiza palestras e oferece oportunidades de treinamento profissional. Elas trabalham tanto que resolveram tirar umas férias e pensaram em um lugar calmo, onde se pode relaxar.

Ruth me pediu que eu lhe escrevesse perguntando se você conhece em Beldingsville alguma família disposta a hospedá-la por um mês, e também a Sadie e Jimmy. Eles preferem uma casa, pois é menos formal que um hotel, mas estão dispostos a pagar pela hospedagem. Eu, infelizmente, terei de ficar aqui em Boston. O trabalho no hospital é sempre muito intenso.

Aguardo sua resposta. Um beijo afetuoso,

Della Wetherby

Poliana saiu em disparada e entrou no quarto da tia.

— Titia, titia, achei a solução pra ganharmos algum dinheiro! — exclamou, estendendo-lhe a carta.

— Você não está pensando em...

— É claro que sim, titia. Vamos hospedá-los. Eu cuidarei de tudo e pedirei a ajuda da irmã de Nancy para lavar as roupas e fazer comida.

Paulina **RELUTOU** em aceitar a ideia da sobrinha. Não queria o solar dos Harrington transformado em estalagem, mas não teve argumentos quando Poliana disse:

— Nós precisamos de dinheiro para comprar comida, roupas, produtos de limpeza, de higiene etc., não é? Passei vários dias tentando descobrir meios de ter essas coisas. Agora conseguimos! É muito bom conseguir o que buscamos.

No dia seguinte, uma carta-resposta seguiu para Boston e o dia da chegada dos hóspedes foi logo marcado.

Capítulo 9

O ACAMPAMENTO

Ao contrário do que Paulina Chilton imaginava, a chegada dos hóspedes foi muito animada. A alegria do reencontro entre Poliana e seus amigos de Boston contagiou a todos. Jimmy havia se transformado em um rapaz bonito, elegante e bem-disposto, muito diferente do garoto sofrido que Poliana conhecera no parque municipal. É verdade que usava muletas, mas tinha uma **DESENVOLTURA** incrível com elas. Sadie Dean estava maravilhosa, vestida com roupas finas e usando maquiagem. Ela e Ruth Carew agora eram sócias na Casa das Trabalhadoras.

Poliana havia pedido ajuda aos Pendleton para receber as visitas. Jaime não gostou muito da ideia, pois ainda sentia certo ciúme de Jimmy, mas é claro que ele e o sr. Pendleton foram ao solar na primeira noite para não deixar Poliana sozinha em seu novo trabalho de **ESTALAJADEIRA**. Feitas as apresentações, Ruth Carew dirigiu-se a Jaime:

— É estranho, mas parece que o conheço de algum lugar — disse.

— Eu me lembraria da senhora se a conhecesse. Uma beleza assim não se esquece — disse Jaime.

— Muito bem! Parece que o filho aprendeu direitinho com o pai como se corteja uma mulher — interferiu o sr. Pendleton, arrancando risos de todos.

— Talvez a senhora já tenha me visto em Boston, onde estudei para ser engenheiro — sugeriu Jaime.

— Pode ser — disse Ruth, intrigada.

✦ **RELUTOU**: resistiu

✦ **DESENVOLTURA**: desembaraço, facilidade

✦ **ESTALAJADEIRA**: proprietária ou administradora de hospedaria





Os dias seguintes correram muito bem. Poliana se virava para atender a seus hóspedes da melhor maneira possível. Queria deixar a casa sempre arrumada, a comida pronta para quando eles chegassem de algum passeio, os quartos ventilados, tudo na maior ordem. Jimmy e Sadie não queriam ver a amiga se matando de trabalhar.

— Preferimos ver a casa empoeirada, mas usufruir da sua companhia — diziam os dois, que se revezavam para ajudá-la lavando verduras, cortando legumes ou arrumando a bandeja do chá.

Ruth Carew se deu bem com Paulina Chilton. As duas conversaram bastante sobre a Casa das Trabalhadoras e, de certa forma, Paulina se distraiu de sua tristeza. Só não aceitou o convite do sr. Pendleton quando, um dia de manhã, ele chegou ao solar dizendo que tinha tido uma grande ideia:

— Vamos acampar! Pegamos meu carro e vamos todos para o meio do mato aproveitar uns dias de aventura. O que me dizem?

Jimmy, Sadie e Ruth Carew bateram palmas, mas Paulina preferiu ficar. Disse que se sentia muito velha para aventuras. Jimmy ainda insistiu, dizendo que nem sua invalidez o impediria de ir, mas Paulina não quis saber. Poliana disse que ficaria fazendo companhia para a tia, mas ninguém aceitou essa decisão.

— Você vai conosco, nem que seja arrastada! — brincou Jaime.

Então, no dia seguinte, começaram os preparativos para a excursão. No jardim do solar dos Harrington, os viajantes arrumaram barracas, sacos de dormir, colocaram cobertores velhos ao sol, testaram panelas e fogareiros. Três dias depois, o carro do sr. Pendleton saiu abarrotado em direção à floresta.

Os excursionistas acamparam em uma clareira próxima a um rio e passaram dias maravilhosos. Organizavam pescarias, almoços à beira do rio, caminhadas por trilhas... Ninguém se lembrava de que Jimmy usava muletas. Eram poucas as coisas das quais ele se privava por não poder andar como os outros. Poliana ficou muito feliz por seus amigos de Beldingsville estreitarem relações com os amigos de Boston. Jaime acabou perdendo a implicância com Jimmy, principalmente porque os dois tinham coisas em comum a conversar: ambos haviam sido adotados.

Certa noite, reunidos ao redor da fogueira, Jaime contou como foi encontrado e adotado pelo sr. Pendleton. Todos se emocionaram. Ruth Carew perguntou:

— Você não se lembra de seu verdadeiro pai, Jaime?

— Muito pouco. Eu era pequeno quando ele morreu. A única coisa que guardo dele é uma carta fechada. Diz no envelope que eu só poderei abri-la quando tiver trinta anos — respondeu, deixando todos pensativos.

Em uma conversa mais privada no dia seguinte, Ruth Carew confessou a Poliana que tinha quase certeza de que Jimmy não era seu sobrinho desaparecido, mas ela de fato havia se apegado tanto a ele que era como se fosse.

— Ele tem uma doçura, uma dedicação comigo, Poliana... Agradeço de coração você ter insistido para que eu o adotasse. Não imagino minha vida sem ele.

Sadie dava muita atenção a Jimmy e sempre lembrava a todos que ele não queria ser visto como um aleijado. Muitas vezes, alguém queria auxiliá-lo carregando uma sacola ou abrindo caminho para ele passar, mas Sadie lançava um olhar de repreensão.

— Ele sabe de seus limites — dizia.

Os dias de acampamento também fizeram Jaime ter certeza de uma coisa que ele vinha sentindo há muito tempo: estava apaixonado por Poliana. Era com ela que mais gostava de conversar, de dar risada, de caminhar atrás de algum arbusto florido... Era com ela que queria ficar. Poliana ainda não sabia que nome dar a isso, mas pode-se dizer que também era paixão o que sentia. Seu coração batia mais forte quando o amigo se aproximava, suas pernas pareciam fraquejar e seu rosto corava toda vez que saíam sozinhos para dar uma volta perto do rio.

A viagem parecia perfeita, mas, no último dia de excursão, ocorreu um acidente. Saíram todos para uma caminhada. O sr. Pendleton ia abrindo a fila, enquanto Jimmy ficava por último, por se locomover com mais **LENTIDÃO**. Poliana resolveu ficar para trás em solidariedade ao amigo, mas para disfarçar disse que queria ir mais devagar para procurar flores. Havia um sítio próximo e Poliana resolveu pular o muro para colher flores do campo.

— Acho que o dono não vai se importar — disse.

— Cuidado, Poliana, você pode se machucar — alertou Jimmy, mas ela já estava do outro lado da parede, onde ele não podia vê-la.

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa. Poliana escolhia botões ainda fechados para seu buquê, quando escutou o mugido de um boi. Olhou para trás e viu o animal correr na sua direção. Largou as flores e disparou como nunca havia feito antes. Gritou e correu até levar um tombo e cair com força no chão, sentindo o boi muito próximo. Teve um pequeno desmaio e quando acordou estava do outro lado do muro, nos braços de Jaime Pendleton.

— Poliana, você está bem? — perguntou Jaime, muito nervoso.

— Sim, sim, estou bem — disse ela, ainda meio tonta.

Logo em seguida eles ouviram um gemido e viram Jimmy deitado sobre folhas secas.

— Jimmy, o que houve? — perguntou Jaime.

— Você não tem ideia de como me senti inútil! — gritou ele, revoltado, recusando-se a receber ajuda para se levantar. — Eu odeio esses dois pedaços de pau! — esbravejou, mostrando o par de muletas.

✦ **LENTIDÃO:** demora





À noite não houve conversa em volta da fogueira e no dia seguinte os excursionistas retornaram ao solar dos Harrington. Uma dúvida passou a tomar conta dos pensamentos de Jaime Pendleton: será que Jimmy também se apaixonara por Poliana? Se esse fosse o caso, ele não poderia competir pelo amor de Poliana. Não seria uma competição justa.

A semana passou calma. Os Pendleton continuavam a visitar o solar, a participar dos jogos de cartas e das tardes de sol na varanda, mas sentiam que Jimmy estava mais calado. Jaime tentou tirar alguma informação de Sadie Dean.

— Você acha que Jimmy ama Poliana, Sadie? — perguntou, de **SUPETÃO**.

A moça pareceu irritar-se com a pergunta.

— É claro que sim. Os dois se adoram. Não vê? — respondeu, afastando-se e deixando Jaime ainda mais confuso.

Visitar os hóspedes do solar passou a ser torturante para Jaime. Ele mal conseguia olhar para Jimmy, muito menos para Sadie, que tinha lhe aberto os olhos. “Será que Poliana também ama Jimmy?”, refletia. A única pessoa que lhe restava era a sra. Carew. Ele passava horas conversando com ela. Ela era sensata, parecia ter as palavras certas para tudo.

Capítulo 10

MUITOS CASAMENTOS

Quando Ruth, Jimmy e Sadie voltaram para Boston, a casa ficou quieta. Paulina começou a reclamar novamente de dinheiro e Poliana pôs-se a procurar algo que lhes desse alguma renda. Descobriu em um jornal um concurso de contos. Nunca havia escrito antes, mas o primeiro prêmio de 3 mil dólares era tentador. Comprou caneta e papel e começou a escrever a história de uma menina muito boazinha. Não estava satisfeita com os manuscritos, havia algo na garota que a desagradava, mas continuou a se esforçar.

Sentia muita falta de Jaime Pendleton, que tinha ido concluir seus estudos em Boston depois do verão. Pensava nele sem parar. Era muito ruim saber que ele estava longe e que ela não podia ir visitá-lo quando quisesse. De repente, deu-se conta do que estava acontecendo.

— Poliana, você está apaixonada — disse em voz alta, reconhecendo a origem dos tremores e palpitações que sentia quando sonhava com Jaime.

✦ **SUPETÃO**: súbito, de repente

Uma conversa com o sr. Pendleton deixou-a triste e confusa.

— Veja, recebi carta de Jaime — disse ele à jovem.

— E o que diz? — perguntou Poliana, tentando disfarçar a ansiedade.

— Diz que ele e a sra. Carew estão muito amigos. Ele foi conhecer de perto o trabalho na *Casa das Trabalhadoras* e está encantado.

— Ele está encantado com a sra. Carew? — perguntou, aflita.

— Com o trabalho dela na *Casa das Trabalhadoras*, Poliana — disse ele, mas ela já estava perdida em desconfianças de que Jaime estivesse gostando da sra. Carew.

— Eles... têm... têm se visto muito?

— Toda semana. Sabe, Poliana, eu estava pensando, será que Jaime pode ser o sobrinho desaparecido dela?

— Outro dia recebi uma carta da sra. Carew dizendo que estava muito curiosa para descobrir por que Jaime tinha chamado tanto sua atenção quando o conheceu.

— Há algo de estranho aí. E também acho esquisito que Ruth Carew não tenha se casado de novo. Ela é tão bonita, não acha?

Poliana se olhou no espelho da sala de repente, como que para constatar que seu rosto nunca chegaria aos pés da beleza de Ruth Carew.

— É verdade, ela é linda... — respondeu Poliana, desconfiada de que o sr. Pendleton também achasse que havia um romance entre Jaime e a sra. Carew.

Poliana passou os meses seguintes tentando escrever, driblar a infelicidade da tia e esquecer Jaime. “Eu sei que deveria, mas, por mais que tente, não consigo ficar contente porque Jaime está contente”, pensava.

Para Jaime, o tempo também passava arrastado em Boston. Se não fosse a amizade da sra. Carew e seus estudos, teria ficado louco de tanto sentir a falta de um certo rostinho sardento. Olhar para Jimmy também o deixava ansioso. “Será que Poliana e ele se correspondiam com frequência? Ela parara de lhe escrever, talvez fosse porque Jimmy tivesse ciúme”, pensava.

Mas, certa tarde, quando foi visitar a sra. Carew, teve uma grande surpresa. Encontrou todos comemorando porque Jimmy havia recebido 3 mil dólares pelo primeiro prêmio de um concurso de contos. E, ainda por cima, uma editora estava interessada em publicar o conto vencedor. Em uma conversa particular, Jimmy confessou a Jaime Pendleton:

— Finalmente terei minha independência financeira! Poderei retribuir à sra. Carew todo o bem que ela tem me feito e poderei declarar meu amor a uma mulher.

— Poliana? — perguntou Jaime, com um aperto no peito.

Jimmy soltou uma gargalhada.

— Poliana sempre foi minha amiga. A mulher que amo e com quem quero me casar se chama Sadie Dean!

Jaime quase pulou de felicidade. Na mesma noite, viajou para Beldingsville e foi direto ao solar dos Harrington. Encontrou Poliana no jardim, colocando algumas



almofadas ao sol. Ela quase enlouqueceu de felicidade quando o viu chegar. Os dois se abraçaram com tanta força, que não havia como negar que eram loucos um pelo outro. Mesmo assim, Jaime perguntou:

— Poliana, diga, você me ama como eu a amo?

Ela corou, emocionada por saber que Jaime a amava e aliviada por descobrir que suas desconfianças com a sra. Carew não passavam de ilusão.

— Sim, Jaime, eu o amo. Ah, como senti sua falta! — disse.

Um beijo cheio de amor inundou o coração dos dois apaixonados. Jaime lhe contou como descobrira que Jimmy não a amava, mas sim a Sadie Dean. Poliana contou que também tinha enviado um conto ao concurso e que, mesmo não tendo ganhado, estava contente porque Jimmy estava contente com a vitória.

— Você é mesmo especial... E linda também, caso não saiba — disse Jaime, abraçando-a.

Mais tarde, Poliana foi conversar com Paulina Chilton.

— Titia, preciso lhe contar uma coisa — disse ela, muito feliz. — Jaime e eu vamos nos casar.

— Vai se casar com Jaime Bean?

— Jaime Pendleton, titia, esse é o nome dele.

— Eu nunca permitiria uma loucura dessas. Nós não sabemos sua origem, não conhecemos sua família.

Poliana tentou argumentar, mas Paulina Chilton estava **IRREDUTÍVEL**. Quando Jaime contou a situação ao sr. Pendleton, ele teve uma ideia:

— A carta de seu pai, Jaime. Eu a guardei no cofre.

— Lá diz que só devo lê-la aos trinta anos, mas esse é um caso de vida ou morte. Jaime abriu o envelope com as mãos trêmulas e leu, em voz alta:

Os papéis dentro deste envelope comprovam que o nome completo de meu filho é Jaime Kent. Seus pais são John Kent e Doris Wetherby, de Boston. Junto está uma carta explicando a ele por que me afastei da família de sua mãe. Se este envelope for aberto quando Jaime tiver trinta anos, espero que ele me perdoe. Se uma pessoa estranha o abrir, peça que entregue os documentos de meu filho à família de sua mãe.

John Kent

— Acho que agora Paulina Chilton não terá dificuldades em identificar sua linhagem — disse o sr. Pendleton, ainda sob o impacto da revelação.

— Meu Deus, eu sou o sobrinho desaparecido. Por isso meu pai não queria que me chamassem pelo apelido de Jimmy. Não queria que ninguém desconfiasse que eu era o Jimmy procurado por toda parte.

✦ **IRREDUTÍVEL:** invencível, indomável



— Preciso contar a Poliana — falou Jaime.

— Antes é preciso dizer à sra. Carew. Eu tenho uma ideia: vamos juntos falar com ela. Pegaremos o trem das três horas. Escreverei uma carta a Poliana e Paulina Chilton explicando a nossa pressa — disse o sr. Pendleton.

No caminho para Boston, Jaime **PONDEROU**:

— Jimmy ficará tão triste. Ele sempre quis ser descoberto o sobrinho desaparecido.

— Se me permitir, contarei tudo à sra. Carew. Também tenho um assunto a tratar com ela e pedirei que não diga nada a Jimmy. Será um segredo, somente Poliana, sua tia Paulina e nós três saberemos.

O sr. Pendleton chegou primeiro à casa de Ruth Carew e os dois foram conversar no escritório. Quando Jaime tocou a campainha, cerca de duas horas depois, Ruth o recebeu com lágrimas nos olhos.

— Ah, querido, que alegria! — disse ela, dando-lhe um abraço apertado. — E que bom coração você tem por concordar em não dizer nada a Jimmy.

— Ainda não me acostumei a chamá-la de tia, mas vou me acostumar — disse, arrependendo-se em seguida porque Jimmy acabara de aparecer junto com Sadie Dean.

— Tia? — perguntou, com **SEMBLANTE** sério.

— E por que não? — intercedeu o sr. Pendleton. — Há poucos minutos, a sra. Carew me deu a imensa alegria de aceitar meu pedido de casamento. Nada mais natural que a chame de tia, afinal, será esposa de seu “tio John”, como ele me chama desde criança.

Jimmy sorriu, satisfeito, pois também tinha um comunicado a fazer. Sadie Dean e ele iam se casar. Jaime reclamou:

— Por que só eu não tenho meu amor por perto?

— Você está enganado — disse Poliana, entrando de surpresa.

— Poliana! — gritaram todos.

— O sr. Pendleton me escreveu pedindo que eu viesse. Só não sabia que era para festejar tantas uniões.

Jaime a abraçou e a beijou na frente de todos.

— Ah, Jaime, tia Paulina concordou com nosso casamento. Estou tão contente, tão contente...

— Espero que essa alegria dure para a vida toda, meu amor.

— Vai durar! — disse Poliana, com o coração transbordando de confiança.

✦ **PONDEROU**: refletiu, considerou

✦ **SEMBLANTE**: rosto



ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Por que Ruth Carew se sentia tão triste e desamparada no início da história? Você conhece alguém que se sente como ela? Como se comporta essa pessoa?
- 2) Qual foi o “remédio” que Della Wetherby sugeriu para a irmã? Ela gostou da sugestão?
- 3) Qual era a atitude de Poliana quando precisava fazer um tratamento dolorido no hospital? Se você estivesse no lugar dela, conseguiria se comportar como ela?
- 4) Quando tia Paulina comunica Poliana que ela passará o inverno em Boston, a menina não fica muito feliz. Depois muda de ideia. Por quê?
- 5) Como funciona o “jogo do contente”? É possível aplicá-lo em todas as áreas da vida?
- 6) Você já jogou o “jogo do contente”? Conte para seus colegas como foi a experiência. Se não jogou ainda, tente jogá-lo e depois troque suas impressões com os colegas.
- 7) O que foi que Poliana achou estranho quando fez seu primeiro passeio em Boston e tentou cumprimentar as pessoas no parque municipal? As pessoas se cumprimentam nas ruas da sua cidade?
- 8) Como era a moça que Poliana conheceu no parque municipal? O que foi que ela lhe disse em relação à solidão? Você concorda com ela?
- 9) O que Poliana disse a si mesma quando ficou perdida? Você já se perdeu? Como se sentiu? No que pensou?
- 10) Quem ajudou Poliana a voltar para casa? Era uma boa pessoa? Justifique sua resposta.
- 11) Como Poliana conheceu Jimmy? Quando foi a primeira vez que se falaram? De onde eram tirados os nomes que Jimmy dava aos animaizinhos do lago?
- 12) Por que Poliana não contou a Ruth Carew que desconfiava que Jimmy fosse seu sobrinho desaparecido? Se você fosse ela, contaria de pronto ou esperaria ter certeza?
- 13) Como era o lugar onde Jimmy, Jerry e a sra. Murphy moravam? Por que Poliana ficou impressionada?
- 14) Você acha que a sra. Carew melhorou depois da visita de Poliana? Como passou a ser sua vida e seus valores depois que Poliana foi embora?
- 15) Por que a tia de Poliana quis tirá-la de Beldingsville por um tempo e levou-a para a Alemanha? Você acha que a preocupação da tia se justificava?
- 16) Quando Poliana e tia Paulina voltam pobres da Alemanha, Poliana diz a Jaime que quer trabalhar, mas ele sugere que ela se case. Faça uma pesquisa com



a ajuda de seu(sua) professor(a) de História e descubra quando as mulheres começaram a entrar para o mercado de trabalho mais ativamente nos Estados Unidos e também no Brasil. O que isso significou para a economia e o progresso desses países?

- 17) Por que Jaime queria “abrir mão” do amor que tinha por Poliana em favor de Jimmy? Você acha que ele estava certo?
- 18) Você conhece alguém que tenha algum tipo de deficiência como Jimmy? Que tipo de dificuldade ele(a) enfrenta no dia a dia? Quais as leis que já existem para auxiliar essas pessoas? Que outras leis você acha que precisam ser criadas para que os deficientes sejam cidadãos respeitados como todos? Faça sugestões em grupos e depois peça ajuda ao(à) diretor(a) de seu colégio para encaminhá-las ao Congresso Nacional.
- 19) Você acha que *Poliana Moça* teve um final feliz? Você mudaria o destino de algum personagem? Justifique sua resposta.
- 20) De qual personagem você mais gostou? De qual gostou menos?



POLIANA MOÇA

Eleonor H. Porter

BIOGRAFIA DA AUTORA

A escritora norte-americana Eleanor Hodgman Porter nasceu em 1868, em Littleton, Estados Unidos, e faleceu em 1920. Formou-se em Música pelo Conservatório de Nova Inglaterra, mas desde cedo preferiu escrever.

Publicou seu primeiro livro, *Correntes Cruzadas*, em 1907. Em seguida saíram *A maré*, *Miss Billy* e *A decisão de Miss Billy*, todos romances alegres e sentimentais para o público juvenil, que tiveram grande repercussão. Mas seu maior sucesso foi *Poliana*, publicado em 1913 e que depois ganharia uma continuação, *Poliana Moça*.

A história da garota órfã, criada pela tia rabugenta, que aprendeu com o pai, pastor, o “jogo do contente” — descobrir sempre o lado positivo das piores situações —, desencadeou uma onda de bondade, otimismo, esperança e sensibilidade às dores alheias em todos os países em que a obra foi publicada.

Poliana passou a ser um símbolo de respeito e solidariedade humana. A expressão “banca a Poliana” ganhou uso corrente e continua sendo usada para nomear a atitude de quem é capaz de buscar o lado bom das coisas.

Até hoje, muitas meninas no mundo inteiro são batizadas como Poliana em homenagem à heroína da história.

